

5

Construindo ideais de relações entre garotas e garotos

5.1

“Tipo de mulher”

Os temas trabalhados no NAM eram vários, tendo os seguintes sido citados em entrevista pela coordenadora:

Prevenção a DST/AIDS, prevenção ao uso indevido de drogas, violência, abuso sexual, valores éticos, direitos humanos, preconceito e discriminação, questões de gênero, fatores causadores de risco de câncer, qualidade de vida, campanhas, por exemplo, como combate à dengue, amamentação (...), meio ambiente, também. Tudo que envolva o bem estar do indivíduo é temática do Núcleo de Adolescentes.

As chamadas “questões de gênero” perpassavam diversos dos outros temas, porém, durante alguns encontros, elas foram trabalhadas como uma temática específica. Um cronograma de atividades distinto fora previamente programado pela professora, mas um acalorado debate, suscitado a partir da análise de uma música, levou a professora a tomar a seguinte decisão: “Vou trabalhar primeiro com as questões de gênero antes de entrar no tema da sexualidade”.

A música em torno da qual o grupo conversava era um dos principais sucessos entre adolescentes naquela época. Tratava-se da música “Já sei namorar” dos Tribalistas – Arnaldo Antunes, Marisa Monte e Carlinhos Brown. A conversa girava em torno das diferenças entre ficar e namorar: segundo o grupo, a principal diferença entre namorar e ficar diz respeito ao compromisso que o namoro implica, o qual não existe entre os “ficantes”¹. Essa diferença também foi estabelecida nas entrevistas:

¹ Diversas pesquisas já foram desenvolvidas sobre as diferenças entre ficar e namorar. A categoria ficar teria surgido entre os jovens nos anos 80, contrastando com o namorar por privilegiar o presente e não pressupor compromissos entre o casal (RIETH, 1998). A esse respeito, vide também SCHUCH, 1998 e SILVA, 2001.

Namorado, você namora em casa. Você passa de mão e todo mundo te olha. É diferente. Você não precisa depender de algumas certas pessoas. “Vamos para praia?” “Vamos.” Você não precisa depender da amiga, dos colegas. Você não precisa depender. Você pode assim, se ele puder também, chamar. “Vamos?” “Vamos.” (...) *Ficante* é sem compromisso. É sem compromisso um com o outro (Pâmela, 13).

A polêmica na reunião do NAM se instalou quando Marcelo (13) esbravejou: “Tem um monte de mulher aí que abre as pernas para qualquer um.”

A discussão tornou-se acalorada: algumas meninas discordavam, outras concordavam integralmente e outras, parcialmente, pois “nem todas são assim”. Entre os meninos as opiniões eram semelhantes. Em um certo momento, os homens que “correm atrás desse *tipo de mulher*” foram criticados. Com o avançado da hora, o “bate-boca” foi suspenso e a professora comprometeu-se a retomá-lo na reunião seguinte, quando sua promessa foi cobrada pelo grupo.

Questão semelhante já fora ponto de debate no ano anterior, durante um trabalho de multiplicação desenvolvido com algumas turmas do turno da manhã. Nessa ocasião, a professora conduziu um debate a partir de três diferentes situações de gravidez². Numa delas, um casal se conhecia numa festa, tinham uma relação sexual e, mais tarde, a menina se descobria grávida. Uma das perguntas formuladas pela professora durante o debate foi a seguinte: “É legal a menina conhecer o cara na primeira noite e ir para a cama com ele?”

Todo esse trabalho, inclusive essa pergunta, fora inspirado em uma proposta apresentada pelo Projeto Educação Ambiental e Saúde da SME durante uma reunião de coordenadores de NAM, que também estava impresso num jornal desse órgão. A pergunta ali sugerida era: “Como os jovens percebem a mulher que tem relações sexuais com um homem no primeiro encontro?” (AMBIENTE EM REDE, 2002, p. 3).

Em ambas as situações – no jornal e na sala de aula –, essas questões não eram formuladas em relação aos meninos. Não existia a pergunta “Como os jovens percebem o homem que tem relações sexuais com uma mulher no primeiro encontro?”. Isso parece não constituir um problema, algo passível de ser questionado. De modo semelhante, quando o menino criticou as “mulheres que abrem as pernas para qualquer um”, a possibilidade de homens terem um comportamento semelhante não foi nem mesmo cogitada, quanto muito, os

² Essa dinâmica será descrita integralmente no capítulo seguinte.

homens foram criticados por se interessarem por “esse *tipo de mulher*”. Essa expressão demonstra que ter diversos parceiros sexuais é algo condenado para as mulheres, enquanto o mesmo não ocorre em relação aos homens. No máximo, são criticados por se relacionarem com mulheres que adotam esse comportamento. Já as suposições em torno do número de parceiros de uma mulher lhe imprime uma identidade, ela é classificada como um “tipo”, “tipo” esse socialmente desvalorizado. O mesmo não ocorre em relação aos homens. É como se “esse *tipo de homem*” não existisse, pois quando esse comportamento é masculino, ele não é nomeado enquanto tal, a ponto de não ser nem mesmo cogitado ou problematizado. Em outras palavras, ter relações sexuais com várias pessoas não serve como mesmo critério de classificação masculino e feminino. Ao homem, isso não lhe imprime uma identidade como o faz em relação à mulher, ou, melhor dizendo, talvez lhe imprima uma outra identidade.

Apesar de não ter sido cogitado durante o encontro, esse comportamento atribuiria ao homem uma outra identidade, conforme aparece em entrevistas. Aquele que tem várias parceiras poderia até ser valorizado por isso, seja simplesmente porque isso é visto como “normal”, seja porque isso lhe garante experiência, afirma uma certa masculinidade, sendo assim motivo de admiração – e não de difamação como entre as meninas. São várias as falas que tratam sobre essas diferenças de gênero:

Se um homem transar com todo mundo, todo mundo acha que ele é um **machão**. Agora se a garota transar com um e com outro, aí já é motivo de boato. (Manfred, 14)

Pega (mal ter mais de uma paquera): “Ah, ela é uma **piranha**.” (Katlin, 14)

Essa questão também foi identificada pela professora Silvana:

ainda tem discriminação em relação à garota que fica com vários meninos. Eles podem, mas elas não podem. (...) O menino pode pegar várias garotas. Isso aí ainda é considerado como triunfo. Ela não. Se ela ficar com vários garotos ela é cachorra, ela é mal falada, ela é uma garota fácil.

A suposta “normalidade” como é visto um garoto se relacionar com várias garotas pode estar ligada a uma percepção social de que homens teriam “mais necessidade de sexo do que a mulher”, conforme observado também em outras pesquisas (VILLELA e BARBOSA, 1996). Essa percepção, difundida segundo Tânia Salem (2004), de modo quase unânime entre homens de camadas populares,

demonstra os regimes sexuais diferenciados a que homens e mulheres estão submetidos³.

Em uma pesquisa comparativa sobre a iniciação sexual de homens e mulheres no Rio de Janeiro e em Paris, Michel Bozon e Maria Luíza Heilborn (2001) demonstram que, no Rio de Janeiro, há uma clivagem interna da iniciação amorosa masculina, que separa estritamente aprendizagem sexual, aspirações sentimentais e desejo de formar um casal. Uma manifestação disso é a tendência dos homens, não só das camadas populares, de transpor essa clivagem para as mulheres, classificando-as segundo os usos que pudessem ter delas. Essas classificações são mutuamente excludentes: “mulheres fáceis” perdem a honra por não serem mais virgens e por estarem disponíveis a relações sexuais sem compromisso, enquanto as “mulheres sérias” ou “mulheres de família” podem e devem namorar oficialmente e, eventualmente, casar. Afirmam os autores:

A característica essencial dessas categorizações masculinas é que elas não têm equivalente entre as mulheres, as quais não classificam os homens segundo seu comportamento sexual. Essa dissimetria provém do fato de as mulheres não fazerem uso tão diferenciado dos homens em matéria amorosa, em razão de sua representação mais global do amor e do fato de classificarem os homens sobretudo em termos de papel social (BOZON e HEILBORN, 2001, p. 131).

Apesar desses autores terem entrevistado homens e mulheres entre 25 e 40 anos, ou seja, uma faixa etária bem mais elevada do que os adolescentes desta pesquisa, uma categorização semelhante das meninas já era colocada em funcionamento na escola, enquanto o mesmo não era feito em relação aos meninos. Categorizações semelhantes com adolescentes também foram observadas por Cristiane Cabral (2002)⁴.

Os relatos das entrevistas e os debates traçados em sala de aula também permitem perceber a divergência de opiniões em relação a esses regimes sexuais diferenciados por gênero. Nem todos/as se posicionam da mesma maneira a esse respeito. De qualquer modo, constatar ou criticar tal mecanismo, não impedia o seu funcionamento.

³ Essa pesquisa sobre representações de homens de classe popular sobre as sexualidades masculina e feminina e a relação entre gêneros teve por base 41 depoimentos masculinos retirados da Pesquisa Gravad (Gravidez na adolescência: estudo multicêntrico sobre jovens, sexualidade e reprodução no Brasil), coletados através de entrevistas em 2000 nas cidades do Rio de Janeiro, Salvador e Porto Alegre.

⁴ Nesta pesquisa, foram feitas entrevistas com 15 jovens pais e 14 mães de jovens pais moradores de uma comunidade favelada do Rio de Janeiro.

Na maneira como as questões são enunciadas, as falas são sempre sobre os “outros” e não sobre suas próprias experiências – até porque, a maior parte desses adolescentes ainda não tinha entrado na sexualidade adulta, no sentido de ter vivido sua primeira experiência sexual (BOZON, 2004)⁵. Semelhantemente, as opiniões expressas seriam também dos “outros”. Na maneira como o tema é exposto, são “os outros e as outras” que são avaliados “pelos outros” por suas relações afetivas ou sexuais. Suas próprias experiências não são cogitadas e quando expressam sua própria opinião nas entrevistas sobre esse tema, acabam geralmente assumindo uma posição “politicamente correta”, que reivindica uma igualdade entre homens e mulheres, igualdade essa que admitem não operar socialmente:

O homem pode transar com quem quiser que o pai ainda se orgulha. Agora se for uma menina, tem aquele chororó, aquele drama. Eu acho que devia ser direitos iguais, meninos e meninas. (Manfred, 14)

A mesma pessoa que identifica e critica essa “diferença de direitos”, pode, em outro momento colocá-la em funcionamento. Em um certo momento da entrevista, Júlia (14) comentou que “O garoto sair com três garotas, é normal. Agora a garota sair com três garotos, já pega a maior fama.” Noutro momento, ela assim se referiu a uma colega de sala: “E tem uma garota assim, de oito garotos com quem ela saiu, cinco ela transou. Ela faz sexo com a boca em todos eles.”

5.2

Circulação de informações e a necessidade de preservar-se

Essa mesma garota, que supostamente já teria tido relação sexual com cinco garotos, foi citada, direta ou indiretamente, em outras entrevistas. Contavam que ela não era mais virgem, o que era associado a outras atitudes: ela se masturbava, fazia sexo oral, já havia fumado e já teriam surgido boatos de que seria “lésbica”:

Tem uma garota na nossa sala que não é virgem. A do cabelo preto. (Ana Beatriz, 13)

A Paula falou que não é mais virgem. Já fumou.” (Hugo, 14)

A única sem cabaça na nossa sala é a Paula.” (Leandra, 13).

⁵ A idade mediana da iniciação sexual no Brasil, segundo dados da pesquisa GRAVAD, é de 16,2 anos para os rapazes e de 17,9 anos para as moças. Essa pesquisa multicêntrica aplicou 4634 questionários a jovens de três capitais: Rio de Janeiro, em Porto Alegre e em Salvador (AQUINO, et al., 2003).

Na época em que disse isso, apesar de ninguém saber, Leandra já estava grávida. No início do ano seguinte, quando retornei à escola, o crescimento de sua barriga tornara sua gravidez evidente e assunto na escola. Foi uma das primeiras “novidades” que professores/as e algumas alunas que eu entrevistara no ano anterior vieram me contar.

O problema em uma garota não ser mais virgem está menos na “perda” da virgindade em si e mais na repercussão do fato, na grande possibilidade dessa informação circular entre colegas⁶. Preocupações com a difusão desse tipo de informação também foram observadas por Castro et. al. (2004), Bozon e Heilborn, (2001), entre outros. O ocorrido poderia ser disseminado pelas próprias amigas, pois, segundo Katlin (14), ela poderia contar para uma, que contaria para outra e assim sucessivamente. No entanto, o risco maior está no garoto comunicar aos pares e disseminar o ocorrido. Comentou Katlin: “Os garotos se acham o máximo, se sentem o máximo. ‘Eu peguei aquela, eu peguei aquela’. Falam assim na sala.”. Essa atitude masculina parece ligada ao fato de que a aquisição de um novo status com a concretização desse rito de passagem envolve, no caso dos homens, uma comunicação aos pares (BOZON e HEILBORN, 2001).

Uma gravidez, como no caso de Leandra, é uma outra forma de tornar público “a perda da virgindade”, no entanto, nesse caso, não é isso que se transforma em assunto, mas a gravidez. Essa questão será discutida no capítulo seguinte.

Outro receio das meninas é de que a perda da virgindade se revelaria através de mudanças físicas no corpo. Essa hipótese foi levantada em uma reunião do NAM. Meninas e meninos argumentavam que, olhando para uma garota, era possível perceber se ela já tinha tido sua primeira relação sexual, pois o corpo se modificava, os quadris ficavam mais largos, ela ficava mais desinibida, entre outros. O mesmo era imaginado em relação aos homossexuais. Um garoto contou sobre alguém no seu bairro que era “bicha, bicha mesmo” e que ele estava com “a bunda maior” desde que tinha arrumado um namorado. A professora desmentiu essas idéias, dizendo que mudanças no corpo de adolescentes eram provenientes de alterações hormonais e não decorrentes do fato de a pessoa ter ou não relações

⁶ Com quem e em que circunstâncias uma menina deve perder a virgindade também é objeto de atenção e preocupação das meninas, conforme analisado posteriormente.

sexuais. Mesmo assim, nem todos pareciam plenamente convencidos⁷. De modo semelhante à masturbação, através de argumentos do campo biológico – sua área de saber –, ela desmontava preconceitos em torno da virgindade.

Michel Bozon (2004) fala sobre uma nova normatividade das condutas sexuais: nas últimas décadas, observa-se uma passagem de uma sexualidade estruturada através de controles e disciplinas externas aos indivíduos a uma sexualidade organizada através de disciplinas internas. Nós exemplos citados na escola, observa-se que as normas que estabelecem a entrada na vida sexual adulta são diferenciadas para meninos e meninas, sendo justamente um certo descompasso entre elas que coloca a menina numa posição “complicada”.

Segundo as meninas, por ser algo valorizado para e pelos garotos, eles tornam públicas suas relações sexuais, divulgando assim também o nome da menina. Ao contrário do menino, isso poderá ser um problema para a reputação dessa menina. Os comentários sobre Paula que circularam na entrevista demonstram não ser infundada essa preocupação. Sua “reputação” era tratada com tamanha gravidade que em alguns momentos agiam como se não pudessem revelar sobre quem falavam, chamando-a, por exemplo, “a menina de cabelo preto”. Ninguém citou algum menino que tivesse algum comportamento semelhante. Novamente aqui, observa-se que esse “tipo de homem” não existe.

A própria Paula (14), sobre quem circulavam as fofocas, também estava ciente desse problema, como aparece nessa sua conversa com Pâmela:

Paula: Tem muito menino que **transa com você para mostrar para os seus amigos**: “transei com ela”.

Pâmela: Outros meninos têm orgulho de **exibir aquela garota**. Sabe que aquela menina não é **tocada** por qualquer garoto, não namora com qualquer garoto, não fica com qualquer garoto. Por exemplo, eu gosto muito de namorar. Eu nunca fiquei assim. Teve uma vez só na minha vida que eu só fiquei. E foi uma vez só e nunca mais. Eu sempre gostei de namorar. Os garotos que namoram comigo, **eles têm orgulho de passar comigo na rua**. E todo mundo vê, lá onde eu moro. As pessoas que namoraram comigo têm orgulho!⁸

Pâmela parece dirigir sua fala diretamente para Paula, explicitando, mesmo que indiretamente, distinções em relação a como imagina os relacionamentos da colega. No entanto, o que é mais forte na sua fala é a posição de objeto na qual ela se coloca. Nesse aspecto, ela em nada se diferencia do que ela quer se distinguir.

⁷ Essa idéia de que a perda na virgindade se expressa no corpo também foi observada por Bozon e Heilborn (2001).

⁸ Grifos meus. Paula, 14 anos e Pâmela, 13 anos.

Tanto ela, que namora, quanto as garotas que ficam são triunfos masculinos. Se na situação a qual Paula faz referência, o menino transa com a garota para mostrar aos seus amigos, na segunda situação, ela descreve o namoro com o mesmo objetivo: o garoto exibe sua garota como se fosse sua propriedade, que não é tocada por qualquer um e com a qual ele tem orgulho de passar na rua. A própria estrutura gramatical das frases formuladas por Pâmela demonstram essa situação: o garoto é sempre o sujeito das orações e a garota o objeto. Ele exibe, toca, namora, tem orgulho. Ela é exibida, é tocada, é motivo de orgulho. O orgulho de Pâmela está em ser motivo de orgulho para seu namorado.

Igualmente, a fala de Pâmela demonstra uma preocupação em se preservar para um namorado, motivo pelo qual ela evita relacionamentos do tipo “ficar”. Cabe salientar que nesses relacionamentos, aos quais elas se referem, ainda não está implícito a existência de relações sexuais – Pâmela contou na entrevista seus planos para a sua “primeira vez”. Apesar disso, ela coloca em funcionamento uma certa moral da reserva. Esta moral se distingue, na maioria dos casos, da idéia de se reservar ao futuro marido e ter relações sexuais apenas após o casamento⁹, apresentando hoje mecanismos distintos de funcionamento.

A profunda reorganização das normas da passagem à sexualidade adulta nas últimas décadas não constitui uma “liberação” no sentido estrito. É bem verdade que a primeira relação não é mais ligada ao casamento, que se tornou uma passagem tardia e, de qualquer forma, facultativa. Mas a temporalidade da passagem ao ato está atualmente ligada, por um lado, a uma norma de grupo de idade (o momento em que os colegas ou amigos a realizam) e, por outro, a uma norma relacional: a primeira relação sexual acontece hoje em dia bastante cedo na história de um relacionamento, pouco tempo depois de os parceiros se encontrarem. Ela é o lance inicial de um casal informal: é a experiência da sexualidade – e não mais a reserva sexual – que é considerada produtora de vínculo e de conhecimento do outro e de si mesmo (BOZON, 2004, p. 127).

A emergência de um “ideal da primeira relação” é típica desse quadro de recomposição das normas que afetam a primeira relação sexual, afirma o pesquisador. Segundo esse ideal, a primeira relação deveria ocorrer dentro de um relacionamento amoroso escolhido, contribuindo para confirmar a capacidade do indivíduo para travar um relacionamento. Esta seria uma versão transformada de uma norma mais antiga, segundo a qual a primeira relação sexual deveria se dar

⁹ Uma menina, cuja família freqüenta a Igreja Universal afirmou que pretende casar virgem. A menina que fazia entrevista com ela, concordou, referindo-se ao fato de sua mãe ter casado virgem.

com o grande amor ou com o cônjuge. O poder dessa percepção é mais estruturante entre as mulheres:

no caso de uma relação sexual precipitada com um parceiro eventual, as mulheres exprimem maiores remorsos, na medida em que, sem dúvida, os homens sempre podem se declarar satisfeitos por ter adquirido uma experiência individual qualquer, boa ou ruim, em matéria de sexualidade (BOZON, 2004, p. 128).

Esse “ideal da primeira relação” é muito forte entre as adolescentes pesquisadas. Diferentemente do que acreditam algumas professoras da escola, elas estão, sim, preocupadas com a virgindade. A virgindade ainda se constitui um valor, menos em si mesmo e mais a partir da importância atribuída à primeira relação sexual e a como esse ritual de passagem torna-se público.

5.3

Tirar e perder a virgindade

Para referir-se à primeira relação sexual de uma mulher, os termos utilizados eram “perder a virgindade” ou simplesmente “se perder”:

Vitória: Eu tenho uma prima que ela **se perdeu**. Antes de ela **se perder**, ela conversou com a mãe dela, o namorado dela. Foi ao ginecologista, tomou remédio.

Helena: Se perder significa o que?

Vitória: **Perder a virgindade**. Aí ela foi ao médico, começou a tomar remédio, a usar camisinha. Então tipo assim, você fazer e conversar com a sua mãe primeiro, com alguma pessoa mais experiente, eu acho que você fica mais à vontade do que fazer com uma pessoa assim. Eu achei maneiro da parte dela ela chegar e conversar com a mãe dela¹⁰.

A utilização dessas expressões indica que a primeira relação é vista como um rito de passagem, que implica na perda de uma condição sexual para a aquisição de outra. Sendo a “perda da virgindade” um rito irreversível, essa passagem é motivo de grande preocupação para as meninas. A expressão “perder-se” é ainda mais ampla, pois, nesse caso, não expressa apenas a perda de uma condição específica, mas a perda da garota como um todo.

As expressões “perder a virgindade” e “se perder” também eram utilizadas para garotos, apesar de, para eles, a primeira ser mais freqüente. Por outro lado, a expressão “tirar a virgindade” só era utilizada para os meninos, nunca para meninas. Vitória assim contou sobre um casal de amigos que tinham tido suas primeiras relações sexuais um com o outro:

¹⁰ Grifos meus.

Ele **se perdeu** com a Janaína e a Janaína **se perdeu** com ele. **Ele tirou e perdeu**. Então, para ele, a Janaína é tudo. Eles têm a maior amizade. Eles terminaram. (...) Ele falou que foi a mulher que marcou a vida dele. **Ele ter tirado e ter perdido**. Eu conheço muito isso. Eu tenho mais amizade com homem do que com mulher. Então todos os garotos que eu converso sobre isso, eles sempre falam que é sempre maneiro **tirar a virgindade** de uma garota. Que a garota marca você: que um dia eu pude **tirar a virgindade** de uma garota. Tem muitos garotos que **tiraram a virgindade** e estão com ela até hoje, ou então estão com outras namoradas e gostam muito daquela. Eu acho que isso sempre marca. Por mais que o garoto faça com uma porrada de garotas, sempre a primeira marca ele.

Logo após essa sua fala, perguntei à Vitória se uma garota também não tira a virgindade de um garoto. Primeiramente, ela fez silêncio e uma expressão de espanto. Após alguns segundos, concluiu: “É verdade. Se o garoto for virgem. E os dois forem virgens, vai tirar e vai perder junto com ele. Mas é difícil encontrar um garoto virgem.”

Frente à minha questão, ela acabou concordando que uma garota também poderia tirar a virgindade do garoto. No entanto, essa expressão não era utilizada para meninas. Sua observação de que “é difícil encontrar um garoto virgem” demonstra o quanto minha pergunta soou fora de contexto, referindo-se a uma situação considerada improvável.

Cabe notar que essa questão da primeira relação sexual é analisada nesse capítulo predominantemente a partir de uma perspectiva das meninas entrevistadas. Há poucos momentos nas entrevistas em que meninos falam sobre essa questão. O fato de um número menor de meninos ter concedido entrevista, conforme analisado no primeiro capítulo da tese, explica parcialmente essa limitação desta pesquisa. Além disso, as entrevistas com os meninos giraram mais em torno de situações escolares e tocaram menos em questões mais pessoais. O fato de eu ser uma pesquisadora mulher parece ter criado uma situação mais favorável para que algumas meninas falassem sobre assuntos mais privados. Farei referência às falas dos meninos e ao que as meninas dizem sobre eles em momentos oportunos ao longo das análises.

5.4 **Planejando a prevenção**

Com exceção de Paula, todas as outras meninas entrevistadas expressavam, de forma explícita ou não, ainda não terem tido uma relação sexual. Também

algumas professoras chegavam a essa constatação. Isso não necessariamente significa que de fato isso não tivesse ocorrido, sendo um exemplo o de Leandra, que já estava grávida, mas falava somente sobre a não virgindade da colega. Independentemente disso, o que interessa aqui não é se elas eram virgens ou não, mas como essas garotas referiam-se a isso e idealizavam a sua primeira relação sexual.

Na fala supracitada sobre sua prima, Vitória (13) conta que, após ter ido ao médico, ela passara a tomar pílula anticoncepcional e que também usaria camisinha. Já Bruna (14) projetava uma tripla proteção para si: “A primeira vez que eu for transar, ele vai ter que botar [camisinha], eu vou por e ainda vou tomar anticoncepcional!”

O uso de camisinha ou de algum método anticoncepcional faz parte das preocupações das adolescentes em torno da sua primeira relação sexual. Também os meninos fazem menção ao preservativo: “Eu nunca transei ainda não, mas eu sempre penso de já ter bastante camisinha guardada já.”, disse Manfred (14).

Os/as adolescentes demonstram ter incorporado os ensinamentos escolares sobre a necessidade do uso de um preservativo. Se isso resultará na adoção concreta dessa prática é impossível afirmar, no entanto, no plano discursivo, eles/as manifestam projetos de adotar uma prática preventiva. A gravidez de Leandra relativiza a possibilidade de uma transformação plena desses discursos em comportamentos concretos. Segundo ela, quando fosse ter sua primeira relação, exigiria o uso da camisinha. No entanto, sua gravidez levanta a possibilidade de que isso talvez não tenha acontecido.

Vemos aqui que, hoje em dia, a entrada na sexualidade adulta é subordinada ao que Michel Bozon chama de uma “poderosa obrigação de proteção”:

À norma contraceptiva acrescentou-se a norma do uso da camisinha desde a primeira relação, iniciada com as campanhas de prevenção da aids e que se impôs em apenas alguns anos. Isso traduz algo mais além do medo da contaminação: a adoção da camisinha no repertório sexual juvenil cria um ritual reconhecido que, diante da incerteza da fase de experiência no início de um relacionamento, organiza e estabelece uma atitude socialmente “responsável” na relação sexual (BOZON, 2004, p. 127).

A necessidade de proteção também aparece nos relatos, sendo incentivada pelas mães e, em alguns casos, por médicos, conforme contou Vitória sobre sua prima. Vitória aprovou a atitude da prima de envolver a mãe e um médico no planejamento da sua primeira relação sexual, o que teria resultado numa dupla

prevenção: o uso do anticoncepcional e do preservativo. Além disso, Vitória acredita que conversar com a mãe ou alguém mais experiente, deixa a pessoa “mais à vontade” para enfrentar esse momento.

A mãe também foi citada por duas outras garotas como uma interlocutora que dá conselhos sobre o que deveria anteceder a primeira relação sexual da filha. Os conselhos maternos manifestam uma preocupação em prepará-la e, principalmente, protegê-la para esse momento. Para uma dessas mães, a preparação também consistiria em ir ao ginecologista. A mãe da outra sugere à filha a possibilidade de usar um método anticoncepcional no caso da índole do garoto ser aprovada e da relação ser estável:

Ela fala que **se um dia eu tiver que me perder**, é para eu **usar camisinha**. Falar com ela, para ela me levar ao **ginecologista, tomar anticoncepcional**. (Júlia, 14)

Minha mãe chega assim: quando você for ter, é, **perder sua virgindade**, aí você **se protege direito**. Se for um garoto direito e tiver namorando com ele e tal, se você quiser usar **camisinha** usa camisinha, mas existe **método anticoncepcional** também. Já existem várias coisas para tu evitar a gravidez. (Carla 13)¹¹

Nesse aspecto, mães ou médicos nunca apareceram como mediadores para os meninos. As preocupações maternas giram em torno da proteção da filha, o que envolve o uso da camisinha e principalmente da pílula anticoncepcional. Nota-se que a preocupação com a gravidez parece ser maior do que em relação a doenças, pois a pílula é destacada como opção ao uso do preservativo. Nesse aspecto, os conselhos maternos se diferem dos escolares. Na escola, os conselhos sobre prevenção prescreviam sempre o uso da camisinha masculina ou feminina e não a pílula anticoncepcional.

Outra questão a ser pontuada é que, na maneira como as meninas colocam a questão, contam que essas solicitações advêm de suas mães. Apesar de concordarem com sua opinião, o que as filhas afirmam não é exatamente que irão fazer isso, mas que suas mães lhes indicam que o façam.

Apesar dessas considerações, a mediação da mãe no planejamento da primeira relação sexual é citada por poucas meninas. Desse modo, também é restrito o acesso a um médico ginecologista, pois isso aparece sempre como dependente da iniciativa materna. Não há nenhuma declaração de intenção de contato médico que independa da mãe, assim como não há referência a médicos entre meninos.

¹¹ Grifos meus.

Além disso, todo esse planejamento preventivo está no plano das intenções, pois, com exceção do que teria acontecido com a prima de Vitória, a conversa com a mãe, a ida ao médico, a utilização da camisinha ou de métodos anticoncepcionais são coisas que ainda estão por acontecer. Pode-se dizer que são planejamentos de planejamentos.

5.5

Idade ideal: meninas aguardam, meninos apressam-se

De um modo geral, as adolescentes consideravam ter pouca idade para uma relação sexual. Pâmela (13) concordava com sua mãe que lhe dizia que ela ainda era “muito nova”, que devia “esperar um pouco”: “Eu também tenho essa consciência de que eu sou muito nova”.

As adolescentes não sabiam definir quando deixariam de ser muito novas para ter uma relação sexual e não raro buscavam na professora uma definição nesse sentido. A pergunta “Qual a melhor idade para ter uma relação?” foi escrita por uma aluna e sugerida como tema a ser trabalhado no NAM. Também na turma 701, quando deveriam escrever numa folha de papel dúvidas sobre sexualidade, alguém escreveu: “Na adolescência, é normal o sexo?!” Outras professoras de outras escolas também citaram perguntas semelhantes nas suas instituições.

Essa preocupação não apareceu entre os meninos, só entre as meninas. É como se eles não precisassem aguardar o momento correto, pois quanto antes essa passagem ocorresse, melhor. Diferenciando-os delas, as meninas comentavam que eles não têm vergonha de falar que não são mais virgens e que inclusive mentem afirmativamente a esse respeito. Diferentemente de para uma menina, “não pega mal” um garoto não ser mais virgem. Dizem que isso é “normal”. “O engraçado”, disse Júlia (14), “é você encontrar um garoto que ainda seja virgem”.

Enquanto as meninas devem aguardar e se preservar para o momento correto, os meninos parecem ter de correr contra o tempo para deixarem de ser virgens, tornarem-se homens e serem considerados “normais”. Percebe-se que a virgindade e o valor dado à primeira relação sexual são marcas de distinção de gênero na nossa cultura, conforme também observado por outras pesquisas (BRANDÃO, 2004, CASTRO et al., 2004, BOZON e HEILBORN, 2001).

Manfred (14) contou estar investindo nessa passagem. Disse que ainda não “transou”, mas que “quase já chegou lá”. A primeira tentativa foi com uma “ficante”: “Aí uns três dias depois, a gente resolveu que ia ser, mas aí teve aqueles curiosos que chegaram e atrapalharam. Depois com uma prima, quase foi, mas não foi.” Logo depois comenta que sua prima era muito “assanhada”, pois “dava em cima de todos os primos”. Frente a essas tentativas frustradas, Manfred diz: “Eu estou procurando ainda. Eu sou muito tímido, então eu não chego nas meninas.” Durante a entrevista, quando Selena contou que achava que não ia atender ao desejo de sua mãe de que ela casasse virgem, Manfred brincou: “Eu já estou nessa lista, heim?”

Uma outra normalização etária refere-se à diferença de idade entre o casal. Não é considerado adequada a existência de uma “grande” diferença de idade entre a menina e o menino. Esse era mais um dos problemas que citavam em relação à Paula: “Ela falou que ela se perdeu com 12 anos. O garoto tinha 17 anos. E depois com um garoto de 23, ela tinha 13. Olha a diferença de idade!” (Júlia, 14).

Ao analisar as mudanças contemporâneas na forma pela qual as condutas sexuais são atualmente postas em relação com a temporalidade biográfica, Bozon (2004) mostra que, paradoxalmente, há tanto um desaparecimento das fronteiras entre as idades e uma ampliação inaudita de possíveis, quanto uma normalização biográfica da sexualidade:

Por um lado, a atividade sexual não é mais apanágio da pessoa casada, em idade de ter filhos. Houve uma extensão da vida sexual às idades mais baixas, mas também, e, sobretudo, às idades mais elevadas, acrescidas do fato de que as biografias sexuais se desenrolam cada vez menos linearmente em função das idades. Esse processo remete a uma reorganização mais global das idades (...) devido à desstandardização das transições e dos percursos biográficos, ao caráter cada vez mais reversível das passagens (...) ou ao aumento da mobilidade conjugal: a idade do indivíduo prediz cada vez menos seu *status* matrimonial (...) ou seu estilo de atividade sexual e as transformações das condições sociais do envelhecimento ao longo das gerações favoreceram tanto a aspiração como o acesso a uma atividade sexual prolongada.

Mas, por outro lado, observam-se fortes sinais de normalização. A entrada na sexualidade adulta, no sentido de ter vivido a primeira relação sexual, se faz hoje em dia dentro de um intervalo de tempo cada vez mais restrito (dois ou três anos), em torno da idade mediana (17,5 anos). Essa forte sincronização temporal das primeiras experiências em matéria de sexualidade substitui a relativa dispersão dos comportamentos anteriormente existente. A experiência dos grupos de pares, cujo papel na elaboração das condutas adolescentes e juvenis é extremamente importante, contribui para essa concentração, assim como a massificação escolar,

que faz com que as primeiras experiências se concentrem mais para o fim da escolaridade secundária. (BOZON, 2004, p. 121-122)

O autor ainda pontua que a passagem ao ato entre os rapazes e as moças está muito ligada ao fato de que os membros do grupo de pares a tenham feito, conforme atestam também outras pesquisas. As normas do grupo de pares exercem influência no comportamento sexual de adolescentes, em particular no que se refere à idade da primeira relação sexual (DURAND, 2002). Na escola pesquisada, essa influência dos grupos de pares parecia funcionar, pois a única garota da turma que já teria tido uma primeira experiência sexual era bastante discriminada por seu comportamento.

Também as professoras pareciam reconhecer o funcionamento desse mecanismo, o qual, algumas procuravam desconstruir:

Falo que a primeira vez não é uma coisa que tem que ser feita porque o grupo, no grupo deles as meninas já foram, já iniciaram. Não tem aquela idade certa, a gente fala muito sobre isso. (Professora Carla)

5.6 A primeira vez deve ser da lista

Assim como as preocupações em torno da prevenção e da idade ideal, as atenções em torno de com quem e em que tipo de relação elas querem que esta passagem ocorra são intensas. As adolescentes querem ter sua primeira relação sexual com a pessoa “certa”, no momento “certo”. Preocupação semelhante foi identificada por Mary et. al. (2004) e Rieth (2002). Bozon e Heilborn (2001) também mostram que resistência da mulher e insistência do homem fazem parte de um regime ideal das relações de gêneros, em que a mulher deve saber julgar em que momentos pode acontecer maior intimidade corporal.

Uma das exigências é encontrar alguém de quem ela goste. No entanto, as principais exigências giram em torno do tipo de relacionamento e do garoto:

de repente pode ser com meu **namorado**, o meu **marido**, desde que seja um **cara legal, que me entenda**. Um cara que me **compreenda**, que **saiba o que eu passo**, se eu passar por uma dificuldade, a **dificuldade** que eu passo, quais são **os meus problemas**. Um cara que **divida tudo comigo**, um cara que **não queira só fazer sexo** (Vitória, 13).

A fala de Vitória indica alguns critérios que foram elencados por várias garotas. Elas pretendem que a primeira relação sexual ocorra numa relação estável: para a maioria delas numa relação de namoro, para algumas, ligadas à igreja, após o matrimônio. No entanto, isso, por si só, não é suficiente, pois dentro

desse critério está inserido um outro duplo critério temporal referente à durabilidade da relação: ela já deve existir a algum tempo e deveria continuar a existir após o ato sexual. Pode-se dizer que a temporalidade do ingresso na sexualidade adulta é regulada não só pela idade da garota, mas também pela duração e perspectiva futura da relação. Podemos observar aqui algo destacado também em outras pesquisas (BOZON e HEILBORN, 2001): a experiência sexual propriamente dita aparece para essas meninas como consequência da consolidação de um vínculo amoroso. Essa questão será exemplificada a partir das falas de Bruna e Pâmela transcritas logo a seguir.

Antes disso, cabe ressaltar um outro elemento na fala de Vitória muito recorrente entre as meninas. O garoto com quem desejam ter uma primeira relação sexual deve preencher alguns requisitos que não variam muito de uma garota a outra – com exceção de Paula. Elas nunca falaram sobre qualidades físicas desse garoto, tampouco sobre sua idade e se deveriam ou não ter experiência sexual prévia. Elas sonham não com “um príncipe encantado de olhos azuis”, mas com “um príncipe” que goste delas, as valorize, seja compreensível e carinhoso, compartilhe alegrias e dificuldades etc.

Por fim, o ideal da primeira relação sexual aparece sempre como resultado de uma decisão consciente, em que as meninas se vejam “sabendo o que estão fazendo”. Para elas, não é algo que deveria acontecer inesperadamente ou, como disse Bruna, “acontecer por acontecer”. Tudo isso visa evitar um temível arrependimento. Esse temor de um arrependimento seria uma questão que afeta mais às mulheres do que aos homens, pois eles ao menos teriam adquirido experiência (BOZON, 2004 e BOZON e HEILBORN, 2001).

Todas essas questões são particularmente evidentes num trecho da entrevista entre Paula, Bruna e Pâmela transcrito abaixo. As opiniões e experiências de Paula divergem das de Bruna e Pâmela. Paula contara como fora sua primeira relação sexual: ela tinha 11 anos e o *ficante*, que, supostamente teria “virado um namorado constante”, 19 anos. Sua mãe só ficou sabendo depois. A entrevista deixa transparecer uma dúvida sobre se de fato o *ficante* transformara-se em namorado ou se essa observação tinha por objetivo se adequar minimamente às expectativas das amigas em torno de um ideal de primeira relação sexual. Logo a seguir, Bruna e Pâmela contam como gostariam que essa passagem ocorresse com elas:

Bruna: Eu prefiro que seja com o meu **namorado**, mas que **não seja assim um relacionamento recente**, que dure bastante tempo.

Pâmela: **Anos.**

Bruna: Ou seja, que **eu esteja sabendo o que eu estou fazendo, consciente, paciente**. Que seja uma **pessoa legal, compreensiva, carinhosa**, para eu depois **não me arrepende**r. Eu acho que a primeira vez é uma coisa muito, **da lista** assim.

Helena: Do que?

Bruna: Da lista.

Helena: Da lista? Como assim?

Bruna: **É muito especial**. Colocar na lista aquela pessoa. **Não é bem aconteceu, aconteceu**. É especial. Primeira vez, você lembra: “Olha, eu tive com essa idade. Perdi minha virgindade pequenininha. Ele era muito especial. Ele era carinhoso.” Não sei o quê.

Paula: **Já no meu caso é diferente. Eu faço por fazer, por gostar**. Eu vou morrer mesmo.

Helena: E você acha que essa primeira vez foi especial?

Paula: Foi especial, porque aí **eu pude aprender** assim.

Bruna: Depois eu acho que quando acontecer comigo, **eu queria continuar com o garoto** e não fazer e ele ir embora e eu nunca mais ver ele. Se não desse mais, tudo bem, mas se continuasse, ia ser uma beleza. Ia ser ótimo, se a gente transasse por bastante tempo, assim. **Continuar um relacionamento normal**.

Helena: E você, Pâmela?

Pâmela: Eu acho a mesma coisa, tem que **continuar o relacionamento**. Não tem que ser uma vez daquela ali para ficar. Tem que ser com o namorado, com o marido, o noivo. Tem que ser **uma coisa muito elaborada**. Como diz a Bruna, **tem que estar na lista**. Tem que estar no diário, o dia marcado. Aí faz um ano, aí você marca.

Segundo o ideal de Bruna e Pâmela, a primeira relação sexual não deve ser algo que ocorra inesperadamente. Ao contrário, essa passagem deve ser minuciosamente preparada no que diz respeito a com quem ela irá ocorrer, em que tipo de relação e em que momento da relação. Ela deve ser algo “muito elaborado” dentro de um relacionamento considerado “normal”. Esses preparativos teriam efeitos que vão além do rito de passagem em si, ficando marcado na história de vida dessa garota. A primeira vez, diz Pâmela, “é uma coisa da lista”. É um acontecimento a ser registrado na agenda, de modo a não esquecer a data e comemorar o aniversário.

Paula, por outro lado, discorda de tudo isso, pois considera essa uma “atitude careta” – como definiu noutro momento da entrevista. Ela diz que tem relações sexuais porque gosta e, quando é questionada sobre se sua primeira relação sexual teria sido especial, diz que sim, mas o motivo é completamente diferente dos levantados pelas colegas. Foi especial pela aprendizagem que aquela passagem lhe proporcionou.

5.7 Intervenção escolar sobre as relações de garotas e garotos

Considerando os objetivos dessa pesquisa, cabe agora se questionar sobre como a escola se refere a esse rito de passagem e, desse modo, como interfere nesse aspecto da vida dos/as adolescentes.

Para as professoras, de um modo geral, a virgindade deixou de ser algo valorizado entre as meninas, conforme aparece abaixo, em um trecho de uma entrevista com uma professora de uma escola em Copacabana:

Helena: E como elas vêem essa questão da virgindade? Isso ainda é um valor ou deixou de ser?

Carla: Eu acho que deixou de ser. Deixou de ser.

Helena: E elas têm algum ideal, assim. Às vezes eu vejo algumas meninas, com algum discurso de que a primeira vez tem que ser com alguém especial. Não sei se você percebe alguma coisa neste sentido.

Carla: Não, eu acho que não tem, não vejo essa coisa romântica, assim. Não vejo isso mais. Apesar até de a gente conversar muito sobre isso. Não é porque a colega foi, que vocês têm que fazer isso para se sentir aceita no grupo, porque todo mundo já fez. Nós temos conversado sobre isso. Será que está na hora, será que é com este que eu quero? Tem que ter um envolvimento emocional. Não é só eu vou fazer para ver como é. Eu acho que na maioria é muito isso.

Essa professora – assim como outras – considera que a virgindade não é mais um valor para as meninas, que seriam influenciadas pelos pares e teriam a primeira relação sexual por curiosidade, “para ver como é”. As entrevistas feitas com as adolescentes nesta pesquisa trazem conclusões distintas dessas constatações docentes, conforme demonstrado ao longo deste capítulo. Conversando com elas, pode-se perceber que valorizam a virgindade a partir da intensa atenção dada a primeira relação sexual. Essa passagem não aparece sendo motivada por “curiosidade”, elas não pretendem que “aconteça por acontecer”. Ao contrário, manifestam uma clara vontade que esse momento seja planejado, “elaborado”, “consciente”, que ocorra com a “pessoa certa”, num determinado tipo de relação e em um momento específico da trajetória dessa relação.

Todavia, as professoras expressam inquietação com uma suposta despreocupação das adolescentes com o ingresso na sexualidade adulta, motivo pelo qual buscam enfatizar a importância de uma relação sexual na vida de um casal e a “responsabilidade” à qual essa passagem deve estar associada. Comentou Carla, a mesma professora em Copacabana:

Para começar a ter a relação sexual é uma coisa que tem que ter muita **responsabilidade**. É o seu corpo. Você tem que ter **responsabilidade** para **cuidar**

da sua saúde e de uma vida que você vai colocar aí no mundo sem querer. Então é uma **invasão**, você tem que permitir ou não. Então não é para qualquer um te tocar, te invadir. Você não vai deixar qualquer pessoa fazer isso. A gente comenta muito isso da **responsabilidade**.

Nessa fala da professora Carla, a importância da responsabilidade é destacada frente a necessidades de alguns cuidados a serem adotados: cuidados com a saúde, com uma gravidez não prevista e com a proteção da intimidade. Neste ponto, seria o caso de dar atenção ao fato que o lugar da chamada “intimidade”, espaço supostamente privado, torna-se objeto de um embate: por um lado, deve ser preservado de “invasões”, enquanto, por outro, é investido por intervenções escolares que visam alterar suas condutas. A responsabilidade aparece como algo imprescindível para a adoção de uma prática preventiva, no que se refere a doenças, à gravidez e à privacidade. Emerge aqui novamente uma sobreposição entre corpo e intimidade como foco de fortes preocupações preventivas que perpassam todo o trabalho escolar de educação sexual.

Algumas atividades desenvolvidas no NAM podem ser citadas como exemplos de práticas que tinham a clara intenção de desenvolver entre o grupo um sentido de “responsabilidade” em torno das relações sexuais. Para isso, retomo o debate no NAM, descrito no início deste capítulo, sobre o “tipo de mulher que abre as pernas para qualquer um”. Questão central nesse debate era se seria ou não adequado um casal ter relações sexuais logo no primeiro dia em que se conhecessem. Os/as estudantes reconheciam que havia casos em que isso acontecia. Ao menos uma garota, conforme expressou durante um trabalho de multiplicação, não considerava inadequado esse comportamento, pois se tivesse “rolado uma atração muito grande entre os dois” poderiam dormir juntos já no primeiro encontro.

Essa opinião, no entanto, não era partilhada pela professora. Sua mensagem final em torno desse debate foi de que, antes de uma relação sexual, as pessoas devem conversar, se conhecer melhor, o que inclusive facilita o uso da camisinha. Também em outros momentos, o uso do preservativo aparece como dependente de uma negociação que passa por uma suposta conversa. A necessidade de usá-lo é apresentada dentro de uma relação ideal e não considerando as diversas possibilidades de relação entre duas pessoas. Mais do que prescrever o uso do preservativo, prescreve-se um tipo de relação: heterossexual e com algumas etapas a serem seguidas. Assim, a importância da camisinha é destacada sempre dentro

de um padrão idealizado de relacionamento e não dentro de relacionamentos sexuais de um modo geral, independentemente de quais sejam suas características e configurações. Outras formas de relacionamento são, direta ou indiretamente, desvalorizadas ou, no mínimo, não consideradas.

O debate não é guiado, por exemplo, no sentido de “como um casal, que se conhece em um baile funk e acaba transando na mesma noite, usa camisinha”. O curso do debate é de que esse casal não deve transar já na primeira noite, mas esperar, se conhecer melhor e só então ter relações sexuais e usar camisinha. Além disso, o casal que aparece nessas situações é sempre de um garoto e uma garota, ou seja, heterossexual. Não são construídas situações com relações homossexuais nas quais a camisinha deveria ser usada. Percebe-se aqui que não há lugar no currículo para a idéia de multiplicidade de sexualidade ou de gênero (LOURO, 2004). Conforme mencionado anteriormente, faz-se referência na escola aos homossexuais e à necessidade de usarem preservativo quando se fala sobre DSTs e AIDS.

Além disso, esse modo de divulgação do uso da camisinha pressupõe racionalização e controle da relação, a qual não é relacionada ao inesperado ou até mesmo ao descontrole. Essa expectativa de controle subjacente à prática educativa parece pouco condizente com a realidade, conforme têm atestado vários estudos (SALEM, 2004, CABRAL, 2002, entre outros). Na cultura brasileira, a sexualidade masculina hegemônica é freqüentemente associada ao descontrole e racionalizar os “impulsos sexuais” acaba sendo visto como não condizente com a virilidade. A fala do aluno Manfred (14), “Na hora a gente não pensa em nada, só pensa em transar, transar, transar!”, é exemplar nesse sentido.

Mensagem semelhante à descrita anteriormente foi transmitida através da exposição de um vídeo, intitulado “A primeira vez”. O vídeo traz a história de um casal de adolescentes que, após terem se conhecido e “ficado” em uma festa, marcam um novo encontro. O garoto conversa com seu amigo em uma academia de ginástica sobre suas expectativas e inseguranças em relação ao próximo encontro e a garota faz o mesmo em casa com uma amiga. Ela pedira ao garoto para saírem juntos de motocicleta e divide com a amiga seu sonho de ter sua primeira relação com ele. Apesar desse desejo, está insegura sobre o encontro, o que é acrescido pelo fato de estar menstruada. Insegurança semelhante é vivenciada pelo garoto, que expressa sua dúvida sobre se ela irá aceitar sair com

ele, se quer transar ou não, se a relação vai dar certo, como será colocar a camisinha etc. O amigo lhe dá apoio, incentiva-o a usar o preservativo, pois só assim estará se protegendo de doenças e de uma gravidez. Além disso, sugere que pratique em casa como colocá-la, já antes do encontro. Quando o garoto bate na porta da casa da garota, as dúvidas e insegurança de ambos permanecem e uma discussão faz com que quase desistam do encontro. Decidem, então, simplesmente tomar um sorvete na praça, até onde vão caminhando, e não de moto. Ao final, felizes, combinam ir ao cinema no sábado.

Esse vídeo foi transmitido em duas reuniões do NAM, no grupo da manhã e no da tarde. Em ambas ocasiões as reações foram semelhantes. Ficaram decepcionados, pois aquilo que o título do vídeo anuncia não chega a acontecer: o casal não tem sua “primeira vez”, ou seja, sua primeira relação sexual. Além disso, comentaram que o garoto era “muito esquisito”. Consideraram estranhas suas dúvidas e inseguranças. Elas seriam inadequadas para um homem, a ponto de terem dito que ele era afeminado. Entre outros comentários feitos sobre o filme, o que gostaria de destacar aqui é que a professora buscou transformar a decepção dos/as adolescentes com o filme em uma mensagem semelhante à transmitida a partir do debate supracitado. “A primeira vez”, a qual o título se refere, seria “a primeira vez que saem juntos”, o primeiro encontro, quando ainda não estão preparados para uma relação sexual. Perguntou: “É no primeiro encontro que é para acontecer?” e ela mesma respondeu: “Não, é para conhecer melhor primeiro.”

Nesse exemplo, vê-se novamente a prescrição de um tipo de relacionamento “etapista”. Na medida em que os/as docentes imaginam os/as adolescentes irresponsáveis, despreocupados com a primeira relação sexual, ingressando na sexualidade adulta precocemente, buscam intervir nas suas relações, a fim de torná-los responsáveis, adiando essa passagem. O uso de algum preservativo ou algum outro método anticoncepcional se inseriria dentro desse padrão ideal de relação. No entanto, na medida em que as relações entre as pessoas não seguem sempre esse curso, a prescrição do preservativo perde efeito, uma vez que ela não é pensada, discutida ou problematizada dentro de outras formas de relacionamento.

A escola trabalha ainda com outros ideais de relação e de comportamentos, como em torno da maternidade e da paternidade, os quais são analisados no próximo capítulo.